

Hortas são abertas para plantar e colher

Comunidades mantêm canteiros urbanos em São Paulo; mais do que produzir comida, eles mobilizam bairros

Reportagem visitou nove locais; encontrou boas verduras, mas também sujeira e cachorros transitando

DE SÃO PAULO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Perto do encontro da avenida Paulista com a rua da Consolação, um canteiro de 30 m² quase não chama a atenção de quem circula por ali. Mas quem se detém e observa melhor percebe que o pequeno verde no meio do concreto guarda pés de alface, manjeriço e até café.

A chamada praça do Ciclista, ponto de encontro de ciclovistas, passou a receber o cultivo de hortaliças em outubro passado. A rega é feita todas as tardes por seis voluntários, que se revezam na manutenção da horta, sem cercas protetoras, rodeada por vias entre as mais movimentadas da cidade.

Ainda assim, plantas sem vaso — e uma sujeira aqui e ali — podem dar a impressão de certo ar de abandono.

Na horta do BNH, na Vila Madalena, as plantas são espalhadas por pontos dispersos na praça. A ausência de cercas permite que cachorros transitem por ali, livremente. O mesmo se observa na horta da Nascente, na Pompeia.

Além de receber ajuda em mutirões semanais, os voluntários fazem parte de um grupo que cuida de outras hortas comunitárias na cidade, os Hortelões Urbanos.

O grupo se formou pouco antes da criação da horta das Corujas, que ocupa 800 m² da praça Dolores Ibaruri, na Vila Beatriz. Isolado do conglomerado urbano por árvores, o espaço é o mais bem organizado desse movimento.

Seus organizadores estão entre os poucos que estabeleceram um acordo, ainda que informal, com a subprefeitura e mantêm diálogo aberto com o poder público.

As demais hortas visitadas pela reportagem ainda não haviam estabelecido acordos com a prefeitura (leia ao lado).

Antes de começar a plantar, os voluntários da horta das Corujas bancaram análises do solo e da água. E um documento define diretrizes para a manutenção.

Os canteiros foram protegidos por uma cerca baixa, para evitar a circulação de animais — mas sem cadeado, para que os interessados circulem livremente.

Uma placa informa regras como a proibição do cultivo de árvores frutíferas (propícias para a formação de arbustos) e as datas de mutirões.

O que é cultivado ali vai para a mesa de muita gente do bairro. “Nunca tinha comido um feijão que eu tinha plantado. Sentei para debulhar



A voluntária Claudia Visoni cuida da horta das Corujas, na região oeste; abaixo, detalhes da plantação da Vila Beatriz



com a minha filha e foi muito gostoso”, conta a jornalista Claudia Visoni, 47, uma das envolvidas na iniciativa.

A colheita não tem regras definidas, mas o dia a dia desses espaços leva a sério a ideia de comunitário.

Ainda que utensílios, mudas e adubo cheguem às vezes por meio de doações, são os próprios voluntários que se mobilizam para conseguir os materiais.

Além de produzir alimentos, essas hortas podem ter outros usos. Na da Vila Anglo, na Pompeia, os organizadores promovem oficinas de educação ambiental com crianças do bairro. (GUSTAVO SIMON E THIAGO MATTOS)

BASE LEGAL LEI QUER REGULARIZAR INICIATIVA

Ainda não há lei que regulamente a ocupação de praças por hortas. Está prevista a ampliação de um projeto de agricultura urbana da Secretaria de Coordenação das Subprefeituras, que presta auxílio a quem monta hortas. Na Câmara, discute-se o projeto de lei 289/2013, que define gestão compartilhada de praças e permite instalar hortas e composteiras.

Solo pode ser poluído, dizem agrônomos

DE SÃO PAULO

Quem monta uma horta em lugar público deve se preocupar com o solo. “Geralmente não se sabe se ali havia um depósito ou fábrica que deixou um passivo ambiental negativo”, diz a engenheira agrônoma Sadye Fernandes de Oliveira, doutoranda na Esalq/USP.

Lixo, fossas, resíduos de fábricas e tubos de esgoto com vazamento contaminam o solo e o lençol freático. E esses elementos tóxicos serão absorvidos pelas hortaliças.

Só uma análise laboratorial é capaz de confirmar essas condições do solo.

Água usada na irrigação, se não for tratada, pode ter o mesmo efeito.

POLUIÇÃO

A poluição do ar da cidade não prejudica a qualidade de produtos cultivados em hortas urbanas, segundo os agrônomos consultados pela Folha.

“Vegetais quase não absorvem nutrientes pelas folhas. Mas a poluição deixa partículas sobre elas”, diz o agrônomo Fernando Muçougah, diretor da Fafec de Mogi das Cruzes, especialista em horticultura.

Por isso, a lavagem do alimento de uma horta urbana deve ser cuidadosa. (GUSTAVO SIMON)

Colheita é livre para qualquer pessoa da cidade

DE SÃO PAULO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Em geral, a colheita nas hortas comunitárias de São Paulo é livre. Qualquer pessoa que encontrar algo maduro pode pegar, independentemente de ter colaborado com o cultivo, e sem restrições de quantidade.

Na maior parte das vezes, também não há data específica para a colheita. Nem mesmo os mutirões se concentram nessa etapa — priorizam a manutenção do espaço.

Em outros casos, porém, uma pessoa fica encarregada de recolher a safra e dividi-la. Na horta da Vila Nova Esperança, a líder comunitária Lia de Souza distribui as hortaliças entre as famílias interessadas. O mesmo acontece no espaço da Vila Industrial, onde os responsáveis centralizam a distribuição. (GS E TM)

